

## Lucas 7:24-28

William Hendriksen

**24-27. Quando os mensageiros de João se foram, Jesus começou a dizer à multidão acerca de João:**

**O que vocês saíram a ver no deserto? Uma cana sacudida pelo vento?** Aqui Jesus corrige a conclusão incorreta que algumas pessoas poderiam tirar acerca de João em virtude da pergunta que revelara sua dúvida sobre aquele a quem ele indicara anteriormente como o Messias. A conclusão contra a qual ele chama a atenção, de forma implícita, é que João era uma pessoa leviana, vacilante. Em suma, o Senhor está dizendo nesse parágrafo que não é certo condenar uma pessoa com base em um só desvio do curso certo.

Para formar uma opinião correta sobre uma pessoa, é preciso levar em conta toda a vida dela, tanto seu passado como seu presente. No caso de João, esse passado tinha sido glorioso. O povo deveria refletir sobre esse tremendo impacto que João provocara neles mesmos, em suas primeiras representações no deserto do Jordão. É como se Jesus lhes dissesse: “O que os levou a viajar todo esse caminho, da Galiléia até o deserto da Judéia? Foi talvez para ver um homem que parecia uma cana sacudida (literalmente: sendo balançada) pelo vento nos barrancos do Jordão?” Naturalmente, essa não poderia ter sido a razão. A pessoa de quem todos falavam parecia um carvalho vigoroso, não uma cana tremendo. Jesus dá por certo que a resposta à pergunta formulada no versículo 24 é: “Certamente, não. Definitivamente não saímos ao deserto para ver uma cana sacudida pelo vento”. Então prossegue: **Mas, o que vocês saíram a ver? Um homem vestido com roupas finas?** Novamente a resposta deve ser uma firme negativa, como se faz evidente à luz da resposta de Jesus: **Certamente, os que se vestem suntuosamente e vivem no luxo estão [encontram-se] nos palácios reais.** Acerca da roupa de João, veja Mateus 3.4. Os que se vestem com roupas “finas” são as pessoas sem caráter, parasitas que prontamente se prostram diante daqueles que se acham investidos com autoridade e que são galardoados com altos ofícios no palácio real, posição essa que lhes permite andar luxuosamente vestidos em harmonia com a elevada posição que alcançaram na vida.

O povo ao qual Jesus se dirige sabe muito bem que João é uma pessoa completamente diferente. Em vez de adular o rei, na verdade o havia repreendido. Conseqüentemente, agora, em vez de desfrutar uma alegre vida palaciana, ele se encontrava encarcerado numa horrível masmorra. Além disso, no tempo em que João Batista estava ainda em liberdade e pregando no deserto, o povo em sua grande maioria nem sequer pensara em achar faltas em sua severa mensagem, nem em sua rústica aparência. Naquele tempo, João se tornara um herói popular (Lc. 3.7, 15). Sem dúvida, mesmo depois disso muitos continuaram tendo-o em alta estima (20.6). Não obstante, as opiniões começavam a mudar. Agora estavam começando a criticar o que muitos antes elogiavam em João: seu modo ascético de vida e suas advertências implacáveis. É por essa razão que Jesus agora chama a atenção deles. Prossegue: **Mas, o que vocês saíram a ver? Um profeta?** O Senhor responde à sua própria pergunta, e ao fazê-lo faz uma verdadeira aprovação de João: **Sim, digo-lhes, muito mais que um profeta,** significando: “Se vocês saíram a ver um profeta, eu lhes asseguro que ele é muito mais que um profeta”.

“Mais que um profeta” porque João não só profetizava (por exemplo, veja 3.9, 16, 17), mas ele mesmo fora objeto do profeta. Ele mesmo era o precursor do Messias. Portanto, Jesus prossegue: **Este é aquele de quem está escrito:**

**Eis que envio meu mensageiro,  
que preparará o caminho diante de ti.**

Que Malaquias 3.1 de fato se refere a João Batista como o arauto do Messias é evidente à luz do fato de que esse precursor é evidentemente “o profeta Elias” de Malaquias 4.5, que por sua vez é João Batista, segundo as próprias palavras de Cristo como se encontram em Mateus 11.14. Portanto, somos justificados em dizer que esta é a própria interpretação de Cristo de Malaquias 3.1. Assim interpretado, o significado de Malaquias 3.1, em termos breves, deve ser:

“Tomem nota: Eu, Jeová, envio meu mensageiro João Batista para que ele seja o precursor de ti, o Messias. A tarefa do precursor é preparar tudo – especialmente os corações do povo (Ml 4.6) – para tua vinda”. O sentido é “preparar o caminho” para a *primeira vinda* do Messias, mas em vista do fato de que a primeira e a segunda vindas são como se Deus visse seu povo em Emanuel em duas etapas, é portanto também o caminho para sua *segunda vinda*. Quando se aplica neste segundo sentido, a denominação *meu mensageiro* adquire um sentido mais amplo, do qual não se pode excluir João Batista, nem os apóstolos de Cristo, nem seus sucessores ao longo de toda a nova dispensação. Embora seja verdade que o contexto imediato de Malaquias 3.1 abranja o juízo final (veja especialmente vs. 2 e 3), Lucas, de forma muito judiciosa, aplica a profecia especialmente à primeira fase do advento; ou, expressando-o de forma mais simples, à primeira vinda.

Foi de uma forma maravilhosa que João Batista cumpriu sua tarefa como arauto. Por isso Jesus pode prosseguir como faz: **28. Digo-lhes: entre os nascidos de mulher ninguém há maior que João.**

Como já se indicou, João era maior porque ele não era apenas um profeta, mas um profeta cuja entrada no cenário da História fora profetizada. Não obstante, é possível que se pergunte se isso é tudo o que Jesus quis dizer ao fazer a tremenda declaração que se encontra em 7.28, a qual é introduzida com a fórmula: “Eu lhes digo”. Não é bem provável que o Senhor estivesse pensando não só no simples fato de que João Batista, o arauto, viera em cumprimento da profecia, mas também da maravilhosa maneira como o precursor desempenhara sua tarefa?

Ele fizera exatamente o que um arauto tem a incumbência de fazer. Primeiro, anunciara de forma bem nítida a chegada do Messias, dirigindo a atenção do povo para o Excelso: “Eis o Cordeiro de Deus que está removendo o pecado do mundo” (Jo 1.29). Em segundo lugar, enfatizara a necessidade de conversão (inclusive o arrependimento) como a única maneira em que o pecador pode entrar no reino messiânico (Mt 3.2 e passagens paralelas; veja também Lc 1.76, 77). E, em terceiro lugar, já que o dever do arauto é ficar em segundo plano quando já houvesse entrado plenamente em cena aquele a quem ele anunciara, assim João resistira à tentação de chamar a atenção para sua própria pessoa. Em contrapartida, com humildade de espírito, ele dissera: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30). Ora, diante do fato de que Jesus mesmo, ao descrever a natureza da verdadeira grandeza, sempre a relaciona com a humildade (Mt 8.8, 10, cf. Lc 7.6, 9; Mt 18.1-5; cf. Mc 9.33-37 e Lc 9.46-48; Mt 20.26, 27, cf. Mc 10.43-45; Mt 23.11; e veja também Mt 15.27, 28), não é de todo provável que também seja assim no presente caso? Essa humildade, por sua vez, deve ser considerada como um dom que João recebeu do Espírito Santo. Assim a palavra do anjo dirigida a Zacarias: “Ele será grande... e cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe” (Lc 1.15) estava e estaria se cumprindo. Certamente, *tudo* isso – (a) João é não só “profeta do Altíssimo”, mas ele mesmo é o cumprimento da profecia; (b) como tal, alguém que de um modo muito humilde cumpriu sua tarefa, (c) sendo cheio do Espírito Santo, e isso desde o ventre de sua mãe – deve ser tido em contra

para fazer justiça a todo o sentido de Lucas 7.28. Quando se faz isso, é evidente que a afirmação não é de forma alguma um exagero.

A isso acrescenta Jesus: **não obstante, aquele que for menor no reino de Deus é maior do que ele**. Isso não pode significar que João, depois de tudo, não era um homem salvo. Esteja longe tal idéia! Antes, a declaração deve ser explicada à luz de 10:23, 24: “Felizes são os olhos que vêem o que vocês vêem, pois eu lhes digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vocês estão vendo, mas não viram; e ouvir o que vocês estão ouvindo, mas não ouviram”. (NVI) O menor no reino era maior que João no sentido de ser mais altamente privilegiado, porque o João encarcerado não estava em contato tão estreito com Jesus como estava o menor dentre eles. E não foi essa mesma circunstância o que também contribuiu para a confusão do arauto sobre se Jesus era ou não realmente o Messias?

Como Lucas o indicou (7.20, 21), no mesmo momento em que os mensageiros enviados por João apresentaram a Jesus a pergunta, este estava ativamente ocupado na tarefa de curar e restaurar. Não é verdade que por estar contemplando tudo isso acontecendo diante dos próprios olhos, alguém teria muito maior probabilidade de se lembrar de Isaías 35.5, 6; 61.1ss. do que se estivesse no lúgubre ambiente da prisão, sem oportunidade sequer de ver, muito menos de falar com aquele em quem o prisioneiro estava pensando? Sim, em certo sentido o reino já havia chegado: os aflitos estavam sendo libertados de seus males, os mortos estavam sendo ressuscitados e do coração e lábios do Mestre emanavam palavras de vida e beleza. Em sua soberana providência, porém, que ninguém tem o direito de questionar, João não era um participante imediato, nem sequer uma testemunha direta. Além do mais, ele não iria ver o Calvário nem iria experimentar o Pentecostes. Não obstante, ele não estava sendo esquecido nem negligenciado. A mensagem que Jesus lhes enviou (7.22, 21) era suficiente para reanimá-lo.

Assim foi que Jesus defendeu João diante da multidão que, como os versículos 24, 25, 33 o indicam claramente, estava começando a descobrir falhas em João Batista.

**Fonte:** *Lucas*, William Hendriksen, Cultura Cristã, pág. 530-34.